



**“Jesus mostrou, por palavras e atos,
que não queria sacerdotes”**

“Na igreja primitiva, os que presidiam eram membros da comunidade, inclusive mulheres. Eram nomeados pela comunidade”.



Foi a propósito desta última Semana Santa: **os leigos desconhecem a sua natureza e o seu lugar na igreja católica** em relação aos clérigos. Não suspeitava que o problema fosse, assim, tão grave. Nas irmandades sentem-se mais autónomos. O costume marca o ritmo, e estão cheios de boa vontade. Além disso, são motivados por razões turísticas. Amam a sua terra e as suas tradições.

Na igreja primitiva, porém, a celebração da eucaristia e outros atos dependiam, apenas, da comunidade. Os que presidiam eram membros da comunidade absolutamente normais (corresponderiam, hoje, aos seculares). **Mulheres inclusive. Eram nomeados pela comunidade.**

O sacramento da ordem: **é impossível provar ter sido fundado por Jesus.** Pelo contrário, Jesus mostrou – por palavras e atos – **que não queria sacerdotes.** Nem ele próprio era sacerdote, nem o foi nenhum dos “Doze” (nem sequer Pedro, considerado o primeiro Papa), nem Paulo. Muito menos a ordem episcopal. É uma criação da Igreja que a pode modificar ou suprimir conforme lhe convier.

A crise da igreja há de continuar e aumentar, enquanto não acabarem os atuais grupos fechados: sacerdotes e seculares, ordenados e não ordenados. Resolver-se-iam de uma penada muitos problemas como a ordenação de mulheres, a questão do celibato, a pouca atenção dada às populações rurais, o mal-estar na Igreja, o vergonhoso afastamento progressivo dos fiéis, etc.

De facto, o episcopado e o sacerdócio desenvolveram-se, na Igreja, à margem da Escritura, justificando-se mais tarde como matéria dogmática. Até se chegar à definição de secular ou leigo de forma negativa: é o não clérigo, o não ordenado. De modo que se foi cavando e solidificando um fosso de separação: primeiro, com o **Édito de Milão** (313), pelo qual o imperador romano Constantino integrou a Igreja cristã no Estado; os seculares transformaram-se em súbditos, ficando sob o poder dos clérigos; segundo, com a **exigência da “ordenação”** para o exercício de cargos na comunidade cristã (princípios do século V); terceiro, com a **Reforma Protestante** (século XVI, quando a Igreja pós-tridentina chegou à equiparação de Igreja católica e hierarquia. Magistério curial ou Igreja oficial/institucional são, hoje em dia, os nomes dados à Igreja católica nos meios de comunicação ... e, infelizmente, entre a maioria dos fiéis seculares.

Pio XI, promotor da Ação Católica, admitia que os seculares pertenciam à Igreja; Pio XII avançou no caminho correto: os seculares são, eles próprios, Igreja. Yves Congar – um produto da formação clerical – chegaria mesmo a afirmar que

apenas a hierarquia era essencial à existência da Igreja. Apesar de ter sido ele a publicar o primeiro grande ensaio de teologia sobre os leigos.

O Vaticano II prolongou de forma fixista a distinção classificativa: ordenados/seculares. Pois “o sacerdócio comum do povo de Deus distingue-se, essencialmente, (que advérbio mais desgarrado!) do sacerdócio hierárquico e ministerial “(*Lumen gentium*, nº 10). E contudo, **o Novo Testamento não reconhece nenhum sacerdócio, nem sacramental nem comum.**

Os não ordenados são instrumentalizados como ajudantes, como prolongamento do braço da hierarquia, permanecendo, sempre, totalmente subordinados a ela: “Os seculares pertencem à Igreja, mas apenas de uma forma limitada são Igreja” (Vat.II, Decreto sobre o apostolado dos leigos, nº 6 s). O CIC (Código de Direito Canônico, 1983), e o Sínodo episcopal sobre os leigos (Roma, 1987), deixam ficar a questão como está. Além disso, o cânone 207 # 1 confirma esta mesma posição, acrescentando – contra todas as evidências – que essas duas classes de pessoas foram instituídas por Deus. **Até mesmo o próprio presidente do Conselho Pontifício para os leigos é um cardeal ou um arcebispo.**

É deste modo que vivemos hoje em dia, lançando um olhar à retaguarda, ferindo a sensibilidade da sociedade atual e a Jesus de Nazaré ... que não queria sacerdotes.

“Esta Igreja é, por essência, uma sociedade desigual, isto é, uma sociedade que compreende duas categorias de pessoas: os pastores e o rebanho... Estas categorias são tão distintas entre si que, apenas, no corpo pastoral residem o direito e a autoridade necessária para promover e dirigir todos os membros para o fim da sociedade; o único dever da multidão é deixar-se guiar, e seguir os seus pastores como dócil rebanho” (Da encíclica do papa São Pio X *Vehementer nos*, dirigida ao clero e ao povo de França, a 11 de Fevereiro de 1906).

Por agora, o que não tem remédio remediado está.

“A crise da igreja há de continuar e aumentar, enquanto não acabarem os atuais grupos fechados: sacerdotes e seculares, ordenados e não ordenados”.

José Antonio Revuelta. Religioso (Irmãos de La Salle).
<https://ecllesalia.wordpress.com/2016/12/02/reforma-ecllesial/>

a religião com sabor de terra

A propósito de um artigo meu, publicado no *EL País* de 06-01-2016, em que, após me questionar sobre a razão de as religiões de origem africana voltarem a fascinar as pessoas, eu afirmava: “Não existe espiritualidade sem carne e sangue, sem amor pelo que nos nutre e nos permite respirar”, a leitora Débora Bernal Ramos fez o seguinte comentário, na página do *Facebook* deste jornal: “A religião *umbanda* coloca-nos perante um espelho que reflete a nossa luz e a nossa sombra, de forma a levar-nos a um melhor conhecimento de nós próprios”.

Estimulado por isto, resolvi escrever sobre alguns equívocos de certos movimentos religiosos cristãos modernos, que demonizam as religiões de matriz africana, ou da Terra, como também destaca o leitor Felipe Heyden Bellotti.

As religiões monoteístas ensinaram-nos que a religião e a espiritualidade, para serem verdadeiras, devem ter um sabor a céu, e manter-se o mais afastadas possível da realidade em que estamos inseridos. E se, pelo contrário, não existisse verdadeira religiosidade sem sabor a terra? Uma religião do céu e para o céu, na qual, até mesmo o bem que fazemos ao próximo, deve ser feito com vista a uma recompensa futura, exterior à história, constitui mais uma alienação, do que uma religião. Já o poeta Whitman profetizava: *"Surgirá uma nova ordem/e os homens serão/os sacerdotes do homem/e cada homem será/ o seu próprio sacerdote."*

A etimologia da palavra religião reclama proximidade, conexão, vínculos... não com um Deus sem rosto, sem tempo e sem espaço, mas antes com o mais íntimo de nós mesmos, com a nossa consciência e com a terra que pisamos e da qual nos nutrimos. Há quem tema que uma religiosidade baseada no amor, no respeito, na reverência e na defesa da sacralidade da Terra e do homem, sem excessivas preocupações sobre um céu distante e misterioso, possa levar a um empobrecimento da fé. E, no entanto, não são, apenas, as religiões de origem africana a colocarem o epicentro da verdadeira crença espiritual na capacidade de descobrirmos, ao olharmos para o espelho, como diz Débora, o nosso lado de luz e o nosso lado de sombra, sem medo de nos descobrirmos como realmente somos.

De facto, não existe religiosidade nem espiritualidade alguma sem carne e osso, sem sangue, sem amor pelo que nos nutre e nos faz respirar. Nem sem respeito por nós mesmos. Tudo passa pelo nosso corpo e pela terra de que fomos amassados. Somos, de facto, sacerdotes de nós mesmos, como afirma Whitman.



As religiões monoteístas, que foram manipuladas com receitas puramente celestiais, apelam, nos seus textos sagrados, à nossa parte mais humana e carnal. No catolicismo, a doutrina da ressurreição pressupõe que haveremos de renascer "com este mesmo corpo que é o nosso". A morte não nos transforma em puros espíritos. Voltaremos a recuperar o próprio corpo, para quê? Apenas para cantar hinos a Deus como anjos sem corpo nem sexo?

Mais tarde, foi a Igreja Católica — algo copiado, hoje, por muitas igrejas evangélicas cristãs — a criar a dicotomia entre a carne e o espírito, e a iniciar uma campanha contra a sexualidade considerada inimiga da espiritualidade. Assim, o corpo que, nos conventos religiosos, era, e continua a ser em muitos casos, açotado e mortificado como malfeitor e berço do pecado, tornou-se no grande inimigo do espírito.

E tudo isso, em nome daquele profeta judeu, Jesus de Nazaré, que, no seu tempo, era acusado de "comilão e beberrão", e de se deixar tocar e amar por prostitutas. Em nome daquele que não deixava que os seus discípulos jejuassem, que multiplicava o pão e o vinho, e que, em vez de pregar o desprezo do corpo, exaltava o amor pelas festas. Aquele que escandalizou os sacerdotes da sua religião judaica, por amar e recuperar os corpos dos aleijados e dos enfermos, por "não suportar a dor".

O que o mundo de hoje necessita é, precisamente, uma religiosidade mais da terra do que do céu, mais do corpo do que do espírito, que não julga, mas que salva e perdoa. Com uma religião do corpo e da terra, sentiríamos uma maior responsabilidade com a salvação do planeta e descobriríamos que os outros e as suas ideias, mesmo quando opostas às nossas, são dignos de respeito e de aceitação. O diálogo que respeita as diferenças, a aceitação do outro sem a pretensão de o modificar, é muito mais religioso do que lutar para que os outros se convertam a uma fé qualquer. Não estamos divididos em anjos e demónios, em bons e maus. Somos todos filhos e irmãos, com origem no mesmo barro, com o qual podemos moldar uma bela escultura ou uma triste aberração.

A verdadeira espiritualidade, é a que nos ensina que todos somos peregrinos de uma mesma dor, e de uma mesma harmonia e felicidade, sem termos de esperar pelo além. Tudo o resto não é religião, é uma máscara, uma alienação e uma caricatura da fé. Os cristãos que, ao contrário da religião judaica, desprezam o corpo em favor do espírito, deveriam rever os seus textos sagrados: "E o Verbo se fez carne" (João 1, 14). Não foi o homem que se fez Deus; foi Deus que se fez homem, carne e sangue, "igual a nós em tudo". Quem acolhe, respeita, ajuda e ama o seu próximo, já é deus. "A Deus nunca ninguém o viu" (João 1:18). Jesus referia-se a si próprio com uma expressão aramaica: "filho do homem". Tudo começa e acaba no homem, sacerdote e altar.

Juan Arias. Jornalista, Filólogo e escritor.

http://internacional.elpais.com/internacional/2016/01/06/actualidad/1452095415_450149.html

Haverá alguém na Igreja que se atreva?

Os sacramentos da Igreja já não significam quase nada para a grande maioria daqueles que ainda participam neles. Um sinal que deixa de significar já não é um sinal, mas um jogo de magia. Os ritos cristãos e os símbolos em que se fundamentam degeneraram, para a maioria dos crentes, em pura magia. Claro que os homens e mulheres de hoje ainda precisam da magia, ou seja, de palavras e gestos que de uma maneira automática e irracional nos vinculem com o transcendente. Todavia, essa não é a questão.



Defendo que muitos dos comportamentos dos sacerdotes e leigos durante a celebração eucarística são essencialmente mágicos, não religiosos. Imaginaremos os apóstolos ajoelhados diante de Jesus ou Jesus a recolher migalhas do prato? Estes comportamentos refletem que a nossa atitude diante do sinal sacramental é mais mágica do que religiosa.

Para que possam significar, os sinais são para ser compreendidos. A doutrina da *ex opere operato*, que postula que o sacramento é eficaz, independentemente do entendimento de quem a recebe, desvinculou o sinal do sujeito, degenerou-o e coisificou-o. Os sacramentos são para ser entendidos, pelo menos em certa medida. Caso contrário, não sacramentalizam nada, que é o que sucede hoje nos nossos

templos. Ninguém entende nada. O que as nossas missas me trazem à memória é o teatro do absurdo de Beckett.

Tomemos o exemplo da Eucaristia, cujos símbolos são o pão e o vinho. O pão é, desde logo, quotidiano, macio e nutritivo. Que o pão seja símbolo de Deus significa que Deus é algo quotidiano, macio, nutritivo. Mas se o símbolo é o pão, o sinal ou sacramento é o pão partido, repartido e consumido. Assim, trata-se de partir e repartir conscientemente o pão; de levá-lo conscientemente à boca; de, conscientemente, o mastigar e de o

tragar.

Conscientemente significa, saber que não basta dar pão aos outros, mas ser pão para eles, de convertermo-nos em alimento que alivia as suas necessidades. Comer deste pão dá-nos força para ser pão. Na mesma linha, o sinal não é apenas o vinho, mas o vinho repartido e bebido. Beber deste vinho possibilita-nos ser vinho para os demais. E o vinho é o sangue, isto é, a vida: ser vida para os outros.

E isso de reservar a Eucaristia num sacrário, o que é? Não dissemos que o verdadeiro sinal é reparti-lo? A prova de que a nossa mentalidade é mágica, é pensarmos que Deus está no sacrário e não fora dele. ... Mas isso é um absurdo! Não é que ele esteja mais ali do que noutros lugares. Ele está lá para significar que está em toda a parte, para que o recordemos. Deus está em toda parte, dizemos, porém, de seguida, nós o colocamos dentro de uma caixa. Colocámo-lo em algumas teorias a que chamamos de teologia e em símbolos que chamamos de sacramentos, mas não sacramentalizam nada.

Resta apenas uma solução: explicar tudo como se nunca tivesse sido explicado, pois, quiçá, seja essa a situação; e resta, naturalmente, fazê-lo como se fosse a primeira vez, porque, talvez, o seja de verdade. Veremos, então, maravilhados, a potência dos nossos símbolos, resgataremos os nossos ritos, descobriremos, finalmente, o seu poder transformador da alma humana.

Mas existirá alguém na Igreja que se atreva? Haverá alguém que apresente estes símbolos e ritos não só como aqueles em que se cifra a mais genuína identidade cristã, mas como símbolos e ritos de valor universal, adequados para todos, cristãos ou não? Haverá alguém, em fim, que apresente o cristianismo como uma religião e humanismo inclusivo, não excludente nem exclusivo?

O respeito pela diferença de outras tradições espirituais não nos deve fazer perder da visão do cristianismo como proposta de humanização universal. Descubro em meus contemporâneos não só uma fome de espiritualidade, mas um desejo de recuperar, de forma compreensiva e atual, a tradição religiosa da qual provimos. O cuidado do silêncio, uma sensibilidade que está a crescer, comportará um cuidado da palavra e do gesto. Mas haverá alguém na Igreja que se atreva? Onde estão os profetas que nos fazem entender que só é possível a fidelidade ao passado a partir da criatividade e da renovação no presente?

PABLO D'ORS. Presbítero e escritor espanhol, membro do Conselho Pontifício da Cultura, autor de "Biografia do silêncio" (ed. Paulinas).

Publicado em 26.06.2015, in "*Vida Nueva*" (nº 2/947).

UMA IGREJA MAIS EVANGÉLICA

Ao formular as bem-aventuranças, Mateus, diferentemente de Lucas, preocupa-se em traçar as linhas que não de caracterizar os seguidores de Jesus. Daí a importância que têm para nós nestes tempos em que a igreja há de ir encontrando o seu próprio estilo de vida no meio de uma sociedade secularizada.

Não é possível propor a Boa Nova de Jesus de qualquer forma. O Evangelho só se difunde a partir de atitudes evangélicas. As bem-aventuranças indicam-nos o espírito que há de inspirar a atuação da Igreja enquanto peregrina a caminho do Pai. Temos de as escutar em atitude de conversão pessoal e comunitária. Só assim poderemos caminhar para o futuro.

Ditosa a Igreja «pobre de espírito» e de coração simples, que atua sem prepotência nem arrogância, sem riquezas nem esplendor, sustentada pela autoridade humilde de Jesus. Dela é o reino de Deus.

Ditosa a Igreja que «chora» com os que choram e sofrem ao ser despojada de privilégios e poder, pois poderá partilhar melhor a sorte dos perdedores e também o destino de Jesus. Um dia será consolada por Deus.

Ditosa a Igreja que renuncia a impor-se pela força, a coação ou a submissão, praticando sempre a mansidão do seu Mestre e Senhor. Herdará um dia a terra prometida.

Ditosa a Igreja que tem «fome e sede de justiça» dentro de si mesma e para o mundo inteiro, pois procurará a sua própria conversão e trabalhará por uma vida mais justa e digna para todos, começando pelos últimos. A sua ânsia será saciada por Deus.

Ditosa a Igreja compassiva que renuncia ao rigorismo e prefere a misericórdia antes que os sacrifícios, pois acolherá os pecadores e não lhes ocultará a Boa Nova de Jesus. Ela obterá de Deus a misericórdia.

Ditosa a Igreja de «coração limpo» e conduta transparente, que não encobre os seus pecados nem promove o secretismo ou a ambiguidade, pois caminhará na verdade de Jesus. Um dia verá Deus.

Ditosa a Igreja que «trabalha pela paz» e luta contra as guerras, que junta os corações e semeia a concórdia, pois contagiará a paz de Jesus que o mundo não pode dar. Ela será filha de Deus.

Ditosa a Igreja que sofre hostilidade e perseguição por causa da justiça sem evitar o martírio, pois saberá chorar com as vítimas e conhecerá a cruz de Jesus. Dela é o reino de Deus.

A sociedade atual necessita conhecer comunidades cristãs marcadas por este espírito das bem-aventuranças. Só uma Igreja evangélica tem autoridade e credibilidade para mostrar o rosto de Jesus aos homens e mulheres de hoje.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA

Tempo Comum, 4 – A (Mateus 5, 1-12)